

MARIA EUGÊNIA MORASCO AGOSTINHO

A GUERRA CIVIL ESPANHOLA E O  
AUTOEXÍLIO DE RAMÓN GÓMEZ DE LA  
SERNA: uma análise segundo a obra *Automoribundia*



ARARAQUARA – S.P.  
2016

MARIA EUGÊNIA MORASCO AGOSTINHO

A GUERRA CIVIL ESPANHOLA E O  
AUTOEXÍLIO DE RAMÓN GÓMEZ DE LA  
SERNA: uma análise segundo a obra *Automoribundia*

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)  
apresentado ao Conselho de Curso de Letras,  
da Faculdade de Ciências e Letras –  
Unesp/Araraquara, como requisito para  
obtenção do título de Bacharel em Letras.

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> María Dolores  
Aybar Ramírez**

ARARAQUARA – S.P.  
2016

**Agostinho, Maria Eugênia**

A GUERRA CIVIL ESPANHOLA E O AUTOEXÍLIO DE  
RAMÓN GÓMEZ DE LA SERNA: uma análise segundo a obra  
*Automoribundia* / Maria Eugênia M. Agostinho — 2016  
42 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
Letras) — Universidade Estadual Paulista "Júlio de  
Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras  
( Campus Araraquara )

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Dolores Aybar Ramirez

**1 . Exílio . 2. Gómez de la Serna. 3. Automoribundia.**

**4 . Literatura espanhola. 5. Guerra civil espanhola.**

**I. Título.**

MARIA EUGÊNIA MORASCO AGOSTINHO

**A GUERRA CIVIL ESPANHOLA E O  
AUTOEXÍLIO DE RAMÓN GÓMEZ DE LA  
SERNA:** uma análise segundo a obra *Automoribundia*

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)  
apresentado ao Conselho de Curso de Letras,  
da Faculdade de Ciências e Letras –  
Unesp/Araraquara, como requisito para  
obtenção do título de Bacharel em Letras.

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Dolores  
Aybar Ramírez**

Data da defesa/entrega: 15/02/2017

**MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

---

**Presidente e Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Dolores Aybar Ramirez**  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” –  
FCL/Araraquara

---

**Membro Titular: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Silvia Beatriz Adoue**  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” –  
FCL/Araraquara

---

**Membro Titular: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria de Fátima Alves de Oliveira Marcari**  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” -  
FCL/Assis

**Local:** Universidade Estadual Paulista  
Faculdade de Ciências e Letras  
**UNESP – Campus de Araraquara**

A todo aquele que, pelas perversas obras da tirania, foi e é obrigado a abandonar seu lar. E a todo aquele que, pelas mesmas circunstâncias e de maneira igualmente dolorosa, foi e é obrigado a permanecer.

## AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> María Dolores Aybar Ramírez, que muito humanamente me acolheu como sua orientanda e que, da mesma forma, confiando-me este trabalho, fez-me descobrir qual eu quero que seja, continuamente, o meu campo de estudos.

A Paulo, pela integridade, força de caráter e honestidade sempre presentes até nos momentos em que isso tudo poderia ser posto à prova. Por ser essa pessoa extremamente humana e por ser o pai incrível que é.

À Márcia, minha mãe, por sentir tanto orgulho a cada passo meu, ainda que pequeno, pela preocupação diária e pelo extremo e indiscutível amor dedicado a mim durante todos esses anos.

À Ignêz, que desde a minha infância faz questão de dizer que eu chegarei “lá”, mesmo eu ainda não sabendo onde fica.

A João Pedro, o oposto de mim, mas por mim tão amado e adorado por ser o menino que é, gentil, bondoso e íntegro.

A Maria Inês e Edson, meus amados e sempre presentes segundos pais.

A Michel e sua família que da maneira mais generosa possível me acolheram como parte deles. E a Michel, pela sensibilidade, companheirismo e por todo o amor dedicado nestes quatro anos. Por sempre tentar, incessantemente, me fazer acreditar que eu sou capaz.

À Ana Amélia e sua família que, iluminados como são, puderam tornar minha jornada na universidade menos turbulenta. À Ana Amélia, amiga de quarto e de vida, que dura na queda e sensível ao mundo, me ensina, a cada dia, a ser uma pessoa melhor.

Às minhas amigas de Araraquara, que dividem comigo a casa e a vida, por todos os anos de convivência incrível e repleta de aprendizados.

*El poeta, sobre el papel soñando  
su poema inconcluso,  
hermoso le parece, goza y piensa  
con razón y locura  
que nada importa: existe su poema.*

(Luis Cernuda, 1956-1962)

## RESUMO

O presente trabalho propõe um estudo do fenômeno do exílio, ou autoexílio – relacionado, neste caso, à guerra civil espanhola – do escritor espanhol Ramón Gómez de la Serna - a partir da leitura e análise de sua obra autobiográfica intitulada *Automoribundia* (2008), publicada na Argentina em 1948.

Assim, por meio da contextualização da guerra civil espanhola e do franquismo, do discurso histórico, mas também do estudo do fenômeno do exílio na literatura, analisar-se-á, a partir de suas memórias narradas na obra, a atipicidade que constituiu seu degredo e as suas grandes transformações ideológicas enquanto exilado, visando a contrapor-las com a de outros grandes escritores da literatura mundial também exilados, como Ovídio, Victor Hugo e Rafael Alberti. A intenção da comparação é mostrar a singularidade da atitude de Gómez de la Serna de convivência com a ditadura, enquanto exilado, diferenciando-se abissalmente do que, em geral, o intelectual exilado vem a mostrar durante o período de desterro.

De maneira não menos importante, o trabalho propõe um estudo sobre Ramón Gómez de la Serna para a reflexão e compreensão dos efeitos maledicentes que a tirania e o degredo podem exercer sobre um indivíduo e, além disso, sobre um artista.

**Palavras-chave:** Exílio, Ramón Gómez de la Serna, *Automoribundia*, literatura espanhola, guerra civil espanhola

## RESUMEN

El presente trabajo propone un estudio del fenómeno del exilio, o autoexilio – relacionado, en este caso, a la guerra civil española – del escritor Ramón Gómez de la Serna a partir de la lectura y análisis de su obra autobiográfica intitulada *Automoribundia* (2008).

Así, por medio de la contextualización de la guerra civil española y del franquismo, del discurso histórico, pero también del estudio del fenómeno del exilio en la literatura, será analizada, a partir de las memorias narradas en la obra, la atipicidad que constituyó su degredo y sus grandes transformaciones ideológicas en cuanto exiliado, visando a contraponerlas con la de otros grandes escritores de la literatura mundial también exiliados, como Ovidio, Victor Hugo y Rafael Alberti. La intención de la comparación es señalar la singularidad de la actitud de Gómez de la Serna de connivencia con la dictadura, en cuanto exiliado, diferenciándose abisalmente de lo que, en general, el intelectual exiliado viene a presentar durante el periodo de destierro.

De manera no menos importante, el trabajo propone un estudio a respecto de Ramón Gómez de la Serna para la reflexión y comprensión de los efectos maledicentes que la tiranía y el degredo pueden ejercer sobre un individuo y, además, sobre un artista.

**Palabras-clave:** Exilio, Ramón Gómez de la Serna, *Automoribundia*, literatura española, guerra civil española

# SUMÁRIO

|                                                                                     |                                        |
|-------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------|
| 1 INTRODUÇÃO .....                                                                  | <b>Erro! Indicador não definido.</b>   |
| 2 A GUERRA CIVIL ESPANHOLA E O FRANQUISMO .....                                     | <b>Erro! Indicador não definido.</b> 2 |
| 3 UMA IMPLICAÇÃO DE GUERRAS: O EXÍLIO .....                                         | <b>Erro! Indicador não definido.</b> 5 |
| 3.1 Exílio e literatura na história .....                                           | <b>Erro! Indicador não definido.</b> 8 |
| 4 RAMÓN GÓMEZ DE LA SERNA: CONVICÇÕES POLÍTICAS E ARTÍSTICAS.....                   | 24                                     |
| 4.1 <i>Automoribundia</i> e o exílio de Ramón Gómez de la Serna .....               | 26                                     |
| 4.2 As marcas deixadas pelo exílio: uma análise segundo <i>Automoribundia</i> ..... | 31                                     |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....                                                        | 38                                     |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....                                                     | 40                                     |
| BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....                                                        | 41                                     |

## 1. INTRODUÇÃO

Definir um fator único que possa determinar o estopim e a porta de entrada para a Guerra Civil Espanhola resume-se a uma tentativa simplista. Diferentes determinantes exerceram papel fundamental na culminação do conflito: a questão da extrema e apaixonada polarização (apaixonada, pelo fervor com que defendiam seus ideais) entre o eixo político de esquerda (que defendia revolução e distribuição de renda “forçada” como um tipo de fórmula para o bem estar universal) e de direita (amedrontada por uma dispersão do pensamento Bolchevique, gerado por uma retórica do medo, e com a essência reacionária já historicamente encrustada); a questão do autoritarismo em oposição à liberdade individual e a questão do centralismo estatal versus. as já crescentes aspirações regionalistas que surgiam por toda a Espanha. Une-se a isso um “egoísmo suicida” dos grandes proprietários de terra e a retórica que aticava o medo do bolchevismo e empurrava a classe média para o rol de ideais do fascismo (BEEVOR, 2007).

Por fim, após a convergência de todos os determinantes citados, estoura a Guerra Civil Espanhola em 18 de julho de 1936 e com a vitória do setor militar o que vem a seguir é ainda mais aterrorizante. Ao fim do período de guerra, 1939, é instaurado na Espanha o regime de caráter fascista liderado pelo general Francisco Franco.

O que nos interessa de maneira fulcral na presente monografia, dentre os inúmeros infortúnios gerados na Espanha a partir da guerra civil e do consequente regime ditatorial, é o exílio. Este fenômeno, podendo ser também chamado de expatriação forçada, ou degredo, assolou a Espanha no período do pós-guerra. Como bem o definiu Said (2003), “ele [o exílio] é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar” (p.). De maneira mais pungente, interessa-nos também as transformações da produção literária deste período: o que escreve o exilado no exílio? Para quem escreve? De que forma escreve?

Utilizar-se-á como corpus a obra autobiográfica do escritor espanhol Ramón Gómez de la Serna, *Automoribundia* e como suporte teórico a fortuna crítica que faz referência a esse momento criativo do autor em sua relação com o degredo; o discurso histórico que ilustre o momento político em que o autor abandona seu país e que vai se

consolidar nas seguintes décadas na Espanha assim como estudos que abordam o exílio na história e notadamente, na arte.

Gómez de la Serna exilou-se na Argentina em 24 de setembro de 1936 de maneira precoce, e operou o que é chamado de autoexílio. O que se fará primordial será compreender o porquê da opção pelo degredo, o porquê de resolver expatriar-se mesmo não havendo nenhuma divergência política com o regime que estava em curso no país. Ainda mais medular se fará a análise do porquê Ramón Gómez de la Serna adota, ao final de seu exílio, uma postura extremamente conservadora tanto no que diz respeito à política de seu país, mostrando-se favorável aos discursos fascistas exacerbadamente nacionalistas, quanto ao que diz respeito a um fervor religioso febril antes inexistente ou, pelo menos, pouco evidente.

Para compor a análise, será usada a obra *Os males da ausência ou A Literatura de exílio*, de Maria José de Queiroz, para expor a postura combativa e ainda mais libertária que outros tantos escritores exilados de outros períodos históricos e políticos assumiam no país de desterro, contrapondo a postura conservadora e de identificação com seu algoz que adota Gómez de la Serna ao longo de sua vida.

Para construir algumas das hipóteses quanto ao autoexílio do autor em questão, serão usadas obras como *Reflexões sobre o exílio*, de Edward Said, *O Homem Desenraizado*, de Tzvetan Todorov e *El exilio español (1936-1978)*, de Julio Martín Casas e Pedro Carvajal Urquijo, para discutir o sentimento do exilado, o mal-estar e o sentir-se estrangeiro em seu próprio país. Será usado, ainda, o estudo introdutório da professora da Universidade de Córdoba, Célia Fernández Prieto, presente na obra *Automoribundia*, para a investigação de outra explicação possível para o auto degredo de Ramón Gómez de la Serna: sua obsessão pela perfeição de seu fazer artístico.

Para o completo desenvolvimento do trabalho foram consultadas ainda outras obras de tantos outros teóricos importantes, como Antony Beevor, Ignacio Soldevila Durante, Julia Kristeva, Pierre Vilar, Paul Illie, Francisco Rico e Domingo Ynduráin, dentre outros.

## 2. A GUERRA CIVIL ESPANHOLA E O FRANQUISMO

"O certo é que minha geração estava tocada pela violência. Não éramos muito tolerantes nem acreditávamos muito na democracia. Sentíamos-nos atraídos pelos extremos.", disse uma vez Octavio Paz a respeito do frenesi dos movimentos políticos em voga à época da Guerra Civil Espanhola (DEUTSCHE WELLE, 2009). Falar desta guerra, por tanto, é, falar de extremos. Falar de Guerra Civil Espanhola é falar de uma Espanha cindida, completamente polarizada. De um lado, uma direita cegamente amedrontada e, de outro, uma esquerda cegamente apaixonada. Esta dimensão, enfim, é uma das que sustentam o rol de explicações possíveis para a eclosão do conflito.

Havia na Espanha, por volta de 1936, um furor crescente no tocante ao bolchevismo, movimento político configurado por ex-integrantes do Partido Operário Social-Democrata russo e que defendia, na Rússia, uma política para o povo e uma revolução socialista armada se assim fosse necessário. Foi lá, com a polarização extrema entre “vermelhos” e “brancos” que a manipulação amedrontadora de imagens por parte de seus respectivos oponentes começou a ser propagandeada. Instalou-se, então, na Espanha e em quase toda a Europa - com a maneira historicamente deturpada de transmitir informações políticas, principalmente referentes aos movimentos socialistas -, a “retórica do medo”, que muito facilmente conduziu a direita à aceitação dos ideais fascistas que começavam a se propagar naquele mesmo tempo e lugar. Por outro lado, no extremo oposto, havia uma esquerda também ferrenha que reconhecia a necessidade de uma revolução proletária, mas que ao mesmo tempo, impunha o ideal de uma distribuição de renda “forçada” às elites resistentes, como o caminho para um eventual bem-estar universal. (BEEVOR, 2007).

Contudo, o eclodir da guerra civil espanhola não estava pautado somente na cisão política da época, mas também em outras dualidades que foram sedimentando e ganhando força a partir do século XIX. Nos anos 30, como bem explica Beevor (2007, p. 25), “surgiram outros dois eixos de conflito: o centralismo estatal contra a independência regional e o autoritarismo contra a liberdade do indivíduo.”.

O autor ainda afirma,

É vital dar um salto da imaginação, tentar entender as crenças e atitudes da época – sejam os mitos católicos nacionalistas e o medo do bolchevismo, da direita, ou a convicção, da esquerda, de que a revolução e a redistribuição forçada da riqueza poderiam produzir a felicidade universal. (BEEVOR, p. 26).

Valendo-nos do discurso histórico, parece-nos imprescindível ter em mente a gravidade da tentativa de tomada militar que favoreceu a eclosão da guerra civil espanhola, não só pela caracterização de tentativa de golpe contra um estado democrático, mas também pelo que esse retrocesso político, civil, social e cultural significou para a Espanha.

De 1923 a 1930, a Espanha foi governada pelo regime político ditatorial de Miguel Primo de Rivera. Durante esse período, medidas regressistas foram implantadas, como a proibição do uso de outro idioma no território nacional que não o espanhol e a proibição de expressões imagéticas bascas, galegas ou catalãs, como bandeiras. Uma grande crise, então, provocou a derrocada da ditadura de Primo de Rivera. Os fatores essenciais dessa crise podem se resumir nas condições trabalhistas intoleráveis e numa economia estagnada e fortemente deficitária. A imensa maioria dos intelectuais espanhóis posiciona-se duramente contra o regime ditatorial; o ditador é obrigado pelo rei Afonso XIII, a sair do cargo, e a denominada “dictablanda” do governo de Dámaso Berenguer, e o governo de Juan Bautista Aznar-Cabañas, serão responsáveis apenas por postergar o fim do regime. (VILAR, 2000). A crise da ditadura traz consigo a crise da monarquia, e com essa, a possibilidade de se constituir um regime republicano na Espanha.

Assim, pois, em 1931, realizam-se eleições e é proclamada, a Segunda República Espanhola, tendo como primeiro presidente Niceto Alcalá Zamora. Esta vitória republicana significou a retomada dos parâmetros democráticos para o país, que por tantos séculos viram-se retraídos perante a ação de monarquias absolutistas ou pseudo-absolutistas e pela ação de ditadores.

Perante esse quadro histórico, a nova tentativa de golpe militar como a feita em 1936 engendraria uma polarização política ainda mais ferrenha: de um lado, eixos de esquerda nada dispostos a retroceder política e socialmente, nem a perder o plano

democrático conquistado legitimamente nos últimos cinco anos; por outro, eixos de direita arrebatados pela excitação da possibilidade da retomada de um governo conservador, católico, e anticomunista.

Eclode, pois, em julho de 1936, após a convergência inevitável dos determinantes citados unidos ao golpe ao estado democrático vigente da II República Espanhola, liderado pelo General Francisco Franco, a Guerra Civil Espanhola, que tem como protagonista os conflitos extremamente violentos entre a Frente Popular (composta por inúmeros partidos de esquerda e organizações afiliadas) – de caráter republicano – e a extrema direita, com destaque para a Falange (partido de estilo fascista criado em 1933, por José Antonio Primo de Rivera, mais tarde unido aos Carlistas, partido ultraconservador que se originou no século XIX) – apoiadores dos ideais nacionalistas da Velha Espanha. A Espanha transformara-se em um caldeirão prestes a explodir.

Em 1939, a guerra civil se encerra e, por fim, os militares saem vitoriosos e é instaurado o regime de caráter fascista gerido pelo general Francisco Franco, que comandava o exército vencedor. Implanta-se novamente, com este regime, um governo pautado em moldes extremamente conservadores que perdurariam, com algumas mudanças modestas, quase quarenta anos. Sobre a vitória da Espanha nacionalista e a dimensão deste acontecimento, Beevor (2007, p.547) conta:

No total, 120 mil soldados – inclusive legionários, *regulares*, falangistas e *requetés* – participaram da parada, com artilharia e blindados. Na retaguarda vinham os *viriatos* portugueses e a Legião Condor. O contingente alemão foi encabeçado pelo coronel Von Richthofen. “Vou dirigindo na frente”, escreveu em seu diário. “Os espectadores enlouquecem. ‘¡Viva Alemania!’” No céu, lá em cima, aviões formavam as iniciais de “Viva Franco”.

Alguns dos alicerces do regime franquista foram determinados pelo autoritarismo e a força. Foi desse modo, igualmente, que se produziu a imposição de uma unidade nacional que implicou em um nacionalismo castelhano que invalidou os direitos de comunidades históricas como os bascos, galegos, valencianos e catalães. Concomitantemente, se impulsionou o clero e o catolicismo num regime que se batizou como Nacional-catolicismo e que obviamente empenhou-se em combater o socialismo, o comunismo e o anarquismo na Espanha. Um dos inúmeros e grandes flagelos do fim

da guerra civil e do início do regime franquista, foi a criação de campos de prisioneiros em todo o país. Segundo Beevor (2007), “havia 190 deles, que continham entre 367 mil e meio milhão de presos”. A Espanha havia se tornado, definitivamente, um país sitiado pela ditadura militar.

### 3. UMA IMPLICAÇÃO DE GUERRAS: O EXÍLIO

A palavra exílio, segundo Cela (1996) significa “expulsar a una persona de un lugar o territorio determinado, para que resida fuera de él de forma temporal o perpetua.”. Sobre as questões que envolvem a constituição do exílio, Edward Said, grande intelectual palestino e crítico literário, cita em sua obra *Reflexões sobre o exílio* (2003), um dos fatores que progressivamente constroem cenários de guerra e ditadura e que, por conseguinte, desencadeiam o fenômeno do exílio: a relação direta de causa e consequência entre os discursos nacionalistas, como os bradados pelos apoiadores do regime conservador na Espanha, e o exílio. Segundo o autor,

O nacionalismo é uma declaração de pertencer a um lugar, a um povo, a uma herança cultural. Ele afirma uma pátria criada por uma comunidade de língua, cultura e costumes e, ao fazê-lo, rechaça o exílio, luta para evitar seus estragos. Com efeito, a interação entre nacionalismo e exílio é como a dialética hegeliana do senhor e do escravo, opostos que informam e constituem um ao outro. Em seus primeiros estágios, todos os nacionalismos se desenvolvem a partir de uma situação de separação. As lutas pela independência dos EUA, pela unificação da Alemanha e da Itália, pela libertação da Argélia foram de grupos nacionais separados – exilados – daquilo que consideravam seu modo de viver legítimo. O nacionalismo triunfante justifica, então, tanto retrospectiva como prospectivamente, uma história amarrada de modo seletivo numa forma narrativa: todos os nacionalismos têm seus pais fundadores, seus textos básicos, quase religiosos, uma retórica do pertencer, marcos históricos e geográficos, inimigos e heróis oficiais. (SAID, 2003, p. 49).

Sabe-se que perante as ideologias nacionalistas, o conceito de base fundamenta-se na ideia de nação, que implica na necessária existência de uma comunidade coesa e unida com traços comuns, como língua e cultura, que possa se manifestar por meio de um Estado Nacional. Já é possível visualizar, aí, a problemática da imposição desta

“comunidade coesa” no caso espanhol, quando pautada numa língua e cultura comum a todos.

O regime franquista impôs, na Espanha, uma língua comum - o castelhano -, a todo o país, e paralelamente teve de aniquilar línguas e dialetos que não faziam parte deste esquema reducionista. Portanto, o fato de instituir uma cultura comum seria priorizar a hegemonia de certas regiões em detrimento de outras, iniciando um processo de aculturação para as segundas. Para além da limpeza genocida que Franco realizou nos primeiros anos do pós-guerra, o fator de imposição de uma língua, de um credo e de uma dada cultura em detrimento da pluralidade do Estado espanhol empurrou não poucos cidadãos para o exílio.

O Estado totalitário que se fecha em si mesmo aniquila as divergências políticas e há, no imediato pós-guerra espanhol, um mal-estar compartilhado por imensos contingentes da população. O terror da guerra dá passagem a outro terror, menos evidente. Sobre isso, Todorov (1999, p.37) diz:

O terror é uma ameaça de morte ou de repressão, e sabemos não se tratar apenas de uma palavra solta no ar. Uma vez instalado na sociedade, transforma-a profundamente. Em nenhuma sociedade os homens se alegram espontaneamente com a felicidade do próximo; muito pelo contrário, é o sofrimento de uns que faz a alegria de outros, esta *Schadenfreude* de que fala (em francês!) Montaigne, a “volúpia maligna de ver sofrer o próximo”. Na sociedade totalitária, o meio de fazer sofrer o próximo – o terror – é colocado à disposição de todos; ainda mais, somos encorajados e louvados por termos recorrido a este meio.

Ainda sobre o sentimento de não pertencimento gerado dentro do próprio país, Cela (1996) torna cristalina a aflição daquele que ainda permanece ou que inevitavelmente permanecerá sempre no território nacional. Trata-se do chamado, por Paul Illie (1981, p. 28), de “exilado interior”, ou seja, aquele que vive exilado dentro de suas próprias fronteiras, dizendo que “lo que para los exiliados era ausencia, para los que permanecían dentro era encierro, aislamiento, una asfixiante atmósfera espiritual”.

Citados alguns motivadores que levam ao fenômeno do exílio (imposição de unidade política, linguística e cultural e o constante mal-estar por viver em meio a um cenário de terror), deve-se citar um terceiro fator que está diretamente ligado a todos os outros e que se apresenta de maneira fulcral, não só na Espanha, mas em todos os países

com presença de regimes ditatoriais: a simples oposição ao governo em curso. No caso da Espanha, aderir a movimentos republicanos e se apresentar como simpatizante de eixos políticos de esquerda seria o suficiente para ser atingido pela obrigação do exílio.

Outro ponto a ser impreterivelmente discutido é um exílio específico: o exílio, neste caso, dos intelectuais. Existem vários confluente um pouco mais específicos que possuem relação direta com suas proscricções: a censura, primordialmente, que muito rigorosamente influenciava não só o movimento do mercado editorial no país, gerando grande queda na compra de arte, mas também no próprio fazer literário de cada artista, influenciando, obviamente, em sua liberdade de expressão, privando-o de exercer seu ofício com autonomia criativa e ideológica.

Soma-se a isso a questão de que a grande parte dos intelectuais e artistas, ou seja, aqueles que exerciam atividades políticas e culturais, como escritores e músicos, mostrava clara oposição à questão da implantação de um regime ditatorial no país. Como já se é sabido, convergir com eixos políticos republicanos ou opor-se ao regime em curso era, neste momento da Espanha, um dos motivos que levavam inúmeros ao exílio.

Há, no entanto, uma terceira motivação diretamente ligada ao abandono do país de origem por parte dos intelectuais. Segundo Soldevila (2001, p. 243):

Por otra parte, el declive de la productividad novelística durante los años de la guerra, además de a las causas relativas al escritor, al negocio editorial o al control y la represión de tipo político, responde también a motivaciones del lector potencial de novelas. De las cuales una que parece evidente fue la precariedad del ocio necesario para la lectura, y de medios económicos para la adquisición de novelas, cuando todo era insuficiente para conseguir los elementos mínimos de subsistencia. Además, el interés por la ficción lógicamente decae cuando la realidad cotidiana, en plena guerra, se convierte en una auténtica aventura, y aporta un caudal continuo de acontecimientos que acaparan la atención de todos. Reducido numéricamente por las circunstancias de la guerra, y polarizado por la absoluta dominación de la política y la propaganda bélica, había quedado notablemente simplificado el abanico de la oferta editorial para los lectores.

Francisco Ayala (1949) propõe quatro perfis para os intelectuais exilados, principalmente no que compete aos escritores e escritoras. O primeiro deles diz respeito ao que ele chama de “exilado privilegiado”, ou seja, aquele que afortunadamente

encontra a possibilidade de exilar-se em um país de seu idioma, que, além da conformidade linguística apresenta certa conformidade cultural, proporcionando ao escritor, então, possibilidade de continuar desenvolvendo seu trabalho artístico, político e cultural de maneira autônoma. Estes que puderam exilar-se na América Latina foram “agraciados” com a viabilidade de continuar exercendo suas tarefas intelectuais.

O segundo perfil refere-se àquele que se exilou para países de língua materna que não o espanhol. Neste caso, estes exilados acabavam por constituir enclaves hispânicos ou fechar-se em comunidades acadêmicas de seu círculo, e então, sua visão de mundo acabava restringida por uma visão mais imediata a partir da cultura estrangeira.

O terceiro perfil, aquele no qual posteriormente enquadraremos Ramón Gómez de la Serna e seu exílio, de acordo com as palavras de Ayala (1949, p. 200):

El tercer perfil lo constituye el exiliado que dramatiza su situación, que la convierte en un calvario y que mentalmente se siente «un alma en pena» consumido por la nostalgia. Este es el expatriado que mitifica su nueva forma de vida con un halo romántico de pesimismo dramático.

O quarto perfil refere-se ao exilado que, em seu exílio, sente-se constantemente perdido e que parece não encontrar seu lugar.

Sobre isso escreve Alfonso Guerra no prólogo da obra *El Exilio Español -1936-1978* (2002): “El exilio es un desgarró de la convivencia que violenta la conciencia.” De fato, a expatriação, como se verá no presente trabalho, também em outros períodos políticos e históricos gera danos na maioria das vezes permanentes no expatriado. Estes danos, falando especificamente na consciência do escritor, podem revelar-se uma ferramenta de estímulo a uma postura combativa contra o regime repressivo deixado em seu país de origem, ou, como será visto posteriormente, sentimento de reconhecimento com seu opressor, como o gerado em Ramón Gómez de la Serna.

### **3.1 Exílio e literatura na história**

Maria José de Queiroz inicia seu livro *Os Males da Ausência ou A Literatura do Exílio* (1998, p.15) com as seguintes palavras:

Literatura do exílio? Sim, isso é possível. Um breve inventário dos males da ausência evidencia, à saciedade, que a literatura desvela espontaneamente, na duração milenar dos acontecimentos que forjam a história, a experiência coletiva e individual do exílio. Movida por essa idéia, procurei descobrir nas obras dos expatriados os sintomas de uma entidade mórbida: a síndrome do desterro.

O que se visa propor, no presente capítulo, é um percurso pela história para a apreensão do que é esta síndrome do desterro e como, em geral, ela se manifestava nos escritores. Ver-se-á que os males da ausência, como evidenciados por Maria José de Queiroz, manifestavam-se de maneira unânime nesses escritores exilados, mas que podiam se transformar, ao longo do período de exílio, em estímulo e vigor para assumir uma postura combativa contra aquilo que os tornou exilados, ainda que isto venha atado, por vezes, a uma postura agressiva e/ou de angústia profunda. É verdade que em alguns casos esses males e privações em terra alheia podiam se transformar facilmente em prostração e quase aniquilação do indivíduo. É verdade, também, que nem todos conseguiram ou puderam refazer suas vidas, seja no país de exílio, ou no país de origem. O que se pretende aqui é discutir a postura de combate ou de prostração adotada, às vezes inevitavelmente, por grandes intelectuais de todas as épocas, enquanto exilados, a respeito das mazelas deixadas em seu país de origem e das mazelas assumidas, agora como expatriados em outros lugares.

O percurso será iniciado com Ovídio, ou como o denomina Queiroz (1998), “o triste, o relegado”.

Ovídio, grande poeta romano, teve seu exílio promulgado por ter caído no desagrado do rei. É desterrado na Itália, mais especificamente na região de Ponto Euxino, aparentemente sem justificativa ou explicação. Há a hipótese de que a motivação da sanção seria a *Ars Armatoria*, uma de suas obras que, entre seus temas amorosos trataria também de relações extraconjugais, afrontando os valores sociais, morais e familiares da época. Se confirmada esta suposição, ter-se-ia o nome de Ovídio como o primeiro poeta a ser proscrito pela censura. Posteriormente, por conta da dificuldade em associar diretamente as reais causas com o desterro, formula-se outra hipótese: a de que o poeta teria cometido um sacrilégio, seguido de injúria. Segundo Queiroz (1996), “Ovídio teria assistido a um culto a Ísis, a que os homens não eram admitidos porque as mulheres se despiam durante a cerimônia religiosa.”. Este insulto a

Ísis, o sacrilégio, teria tido o agravante de, durante o culto, Lívía, a esposa de César, estar presente como uma das praticantes. Outras hipóteses ainda associaram Ovídio a grupos de oposição a Augusto.

Mas o que de fato nos é primordial é o que ocorre durante o período de proscrição do poeta, na região de Tomis, próxima ao Mar Negro. Uma das questões que rodeiam o seu exílio é a do contato forçado com a língua estrangeira (do desterro) em detrimento da sua língua materna<sup>1</sup>. Gera-se, aí, o primeiro sentimento de perda de vínculo com aquilo que faz parte da constituição do seu eu, da sua identidade. Soma-se a isso a questão unânime dos exilados que diz respeito à ausência e à angústia. Mas como, então, Ovídio lida com seu calvário e com o silêncio de sua língua materna? Com sua poesia. É ela que assegura ao poeta o caráter de imortalidade. É ela que serve de companhia, de alento e de refúgio para tantas privações. Ovídio encontra, ou melhor, reencontra na palavra a sua morada e faz dela um refúgio para a eternidade.

Apesar da dor e da angústia, o exílio de Ovídio nada tem a ver com prostração. Com a poesia, o poeta é insuflado por autoconfiança e altivez. Sabe que é lido e que será lido, universalmente, por toda a posteridade, e usa essa consciência para lutar contra seus demônios e seus algozes. Sobre o período próximo a sua morte, Queiroz (1998, p. 74) conta:

Por fim, mas não por último, convém registrar que um ano antes da sua morte em Tomos, em 16 d.C., lhe deram a notícia de que alguém rasgara, em público, seus versos. Prova de repúdio? Juízo de valor? Servilismo político? Ou, como quer o ofendido, inveja, pura inveja?

Este ato de rasgar os versos de Ovídio em praça pública explicita o que a autora quer dizer quando o denomina “relegado”. Foi relegado e o foi em praça pública. Por fim, para sintetizar a postura do poeta no exílio, Queiroz (1998, p. 77) escreve:

Espectadores da sua desgraça, maltrata-nos a pertinácia torturante com que acusa o destino, reclama das condições de vida e assedia os correspondentes, em tentativas sempre malogradas de receber o indulto. No círculo fechado em que se move, inalterável e inalterado, sem qualquer perspectiva de mudança, vemos, da distância em que hoje nos situamos, o absurdo da sua pretensão e a tola ingenuidade

---

<sup>1</sup> Segundo Queiroz (1998), na região de Tomis, onde Ovídio foi exilado, as línguas faladas eram o geta e o trácio. Ovídio, enquanto romano, tinha como língua materna o latim.

com que dá voltas e mais voltas em torno de si mesmo, de suas angústias e, também, o que é mais triste, de suas esperanças.

Em suma, o exílio de Ovídio foi rodeado por angústia, por humilhações, pelo padecimento, pela dor da ausência, mas também pelo uso direto, por ele mesmo, de sua grandiosidade e de sua poesia, ambos imortais, para eximir-se de suas mazelas. Ovídio, como tantos outros exilados durante a história, queria regressar à sua pátria, mas tinha plena consciência do que havia ficado por lá.

Posteriormente tratar-se-á a respeito de Victor Hugo, - conhecido escritor francês que também tem seu nome atrelado a ativismos em prol dos direitos humanos e a uma grande atuação política na França da época -, e seu “exílio glorioso”, como define Queiroz (1998). A questão que envolve a expatriação do escritor é basicamente outro confronto direto entre uma monarquia conservadora e um ideário republicano (do qual Victor Hugo fazia parte). Em julho de 1851, Victor Hugo afronta de maneira resoluta o então presidente, Luís Bonaparte, dizendo:

E então? – pergunta. – Quereis tomar nas vossas pequenas mãos o cetro dos titãs, essa espada de gigantes? Para quê? Depois de Augusto, Augústulo? Que é isso? Porque tivemos Napoleão, o Grande, é preciso que tenhamos Napoleão, o Pequeno? (QUEIROZ, 1998, p. 248).

Após a afronta, vale saber que o seu grande projeto era e continuaria sendo, mesmo durante o exílio, anular a figura de Napoleão III. Essa declaração desencadeia uma torrente de ódio e ira com relação ao escritor. Por conta de seu título de acadêmico e pela imunidade parlamentar, nada poderia, em teoria, atingi-lo, porém, os ataques são investidos contra pessoas de seu círculo de convivência, como amigos e familiares. Victor Hugo, no entanto, continua resistindo, até que um decreto presidencial o expulsa do país.

Para o período de exílio, que perduraria por vinte anos, Victor Hugo opta pela ilha britânica de Jersey, de língua francesa. Sobre a postura adotada durante a época, Queiroz (1998, p. 249) menciona que o escritor estava “sozinho, sem apoio e sem partido”, mas que ao mesmo tempo era “povo, parlamento, opinião pública. Isto é, nação no exílio”. Durante todo o período de expatriação, Victor Hugo é ferozmente perseguido por policiais do Império e redes de espionagem e em 1858, quando

declarada a anistia, o escritor chega a recusar a reassumir sua cidadania de origem. De fato, Victor Hugo só retorna ao seu país em 1870, após a destituição de Napoleão III.

No exílio, o poeta adota a postura daquele que tem a missão de se fazer ouvir, de denunciar, de atingir quem o puniu. Afeiçoa-se ao desterro e acompanha os desterrados. Esta é a sua causa e a sua luta. Eis o que diz Queiroz (1998, p.256) a respeito da postura combativa assumida por Victor Hugo no exílio:

Consciente de quem tem um papel a assumir, Hugo prepara-se para desempenhá-lo. Gigante mitológico, demiurgo, profeta, nenhuma missão o atemoriza. “Há na minha função, qualquer coisa de sacerdotal – explica. – Eu substituo a magistratura e o clero. Eu julgo, o que não fizeram os juízes; eu excomungo, o que não fizeram os padres” – diz no projeto de prefácio à *História de um crime*.

A busca de Victor Hugo é e continuaria a ser por um mundo reordenado, isento das abominações geradas pela tirania, isento de injustiças sociais. O poeta, antes da proscrição, não aceita a opressão, e enquanto proscrito, abomina-a.

Comparar o exílio de Ovídio e o de Victor Hugo é ter, de um lado, uma angústia profunda e uma dor lancinante, com constantes humilhações provocadas por si mesmo no desespero de regressar à sua pátria, e de outro, uma postura daquele que aceita o exílio (aceitação esta que nada tem a ver com resignação) e o usa como experiência edificante e combustível para a progressão de sua contenda contra a tirania e as injustiças sociais. Ovídio se fecha em sua dor, Victor Hugo abre-se nela.

Passamos, então, ao escritor espanhol Rafael Alberti, que é denominado por Queiroz (1998, p. 331) como aquele que tem “o desejo permanente de voltar”, e que faz jus temporal e local ao processo de exílio de Ramón Gómez de la Serna que será tratado mais adiante.

Alberti pertenceu à geração poética de 1927, que foi alcunhada por Azorín como “el segundo Siglo de Oro”. Essa geração, segundo Queiroz (1998, p. 331) “esquiva-se a toda rebeldia e a qualquer resistência contra a grande tradição lírica espanhola.” Durante o período da Guerra Civil Espanhola, Alberti fez de sua poesia a sua arma. Fez da palavra uma ferramenta de revolução. Porém, quando já desalentado pelo sonho da

República, aos primeiros sinais da Segunda Guerra Mundial, decide partir para Paris, em uma curta estadia. O escritor, porém, fixa-se na Argentina.

Durante todo o período de prostração, o desejo latente de Alberti era única e somente o regresso à Espanha. Nas palavras do próprio escritor:

O desejo de voltar a Espanha é permanente em todos os espanhóis que tenham vivido em Espanha e tenham lutado por ela. Por isso, é permanente em mim, é sempre a presença de Espanha. Chamem-no nostalgia ou o que seja mas não é uma nostalgia de tipo sentimental nem puramente patético. É uma tristeza ou nostalgia de tipo positivo, construtivo, que me faz sempre falar de Espanha, recordá-la... E me faz ser esse poeta de ataque..., de luta, e mesmo violento, se quiserem.” (ALBERTI apud QUEIROZ, 1998. p.335).

De fato, a nostalgia sentimental, que Alberti nega, em nada se assemelha, por exemplo, à nostalgia sentida por Emílio Prados (sentimental, mas extremamente longe de ser patética). Este outro grande poeta espanhol exilado, em cartas a Camilo José Cela presentes na obra *Correspondencia con el Exilio* (2009), expõe de maneira pungente a sua dor e a sua melancolia de maneira extremamente sentimental e dolorosa, com marcas explícitas de um sentimento de padecimento muito profundo, que abate o poeta de qualquer ação combativa que este poderia vir a ter durante o degredo.

Rafael Alberti, por outro lado, ainda que possua a nostalgia e sinta a tristeza, estas vêm acompanhadas de ímpetos de ataque e de luta. Deve-se assinalar, no entanto, como ressalva, que contrapor duas posturas diferentes não significa hierarquiza-las como mais ou menos dignas, mas expor como o choque do exílio atinge cada indivíduo que com ele é obrigado a viver.

Em sua poesia, Alberti por vezes evoca elementos referentes à Espanha, para que estes elementos, ainda que não possam ser realmente vistos, tocados e sentidos, sejam, pelo menos, reais em seu imaginário-memória. A angústia da nostalgia pauta-se basicamente no pensamento de que a vida ainda prossegue onde não se está e na dolorosa curiosidade de imaginar como esta prossegue: o que fazem lá? O que escrevem lá? O que veem lá? Segundo Queiroz (1998, p.339), o fato de a vida continuar sem aquele que tanto quer fazer parte disto, assemelha-se à “perna amputada que, enterrada, continua a doer, a latejar, na extremidade da coxa, em espasmos imaginários.”.

Em suma, os autores vistos no presente capítulo – Ovídio, Victor Hugo e Rafael Alberti -, apesar de pertencerem a épocas e locais distintos, viveram o exílio de maneira combativa, - lutando contra elementos exteriores ou interiores a eles - ainda que cada um à sua maneira, compreendendo e rechaçando tudo aquilo de opressivo que por ventura pudessem ter deixado em seu país de origem. O objetivo deste rápido percurso histórico foi criar uma base para que seja possível contrapor estes autores – postos aqui como parâmetros gerais – com o que Ramón Gómez de la Serna viria a apresentar durante seu período no degredo, justamente para mostrar a atipicidade do exílio de Gómez de la Serna e da postura adotada por ele durante e após o período como exilado.

#### 4. RAMÓN GÓMEZ DE LA SERNA: CONVICÇÕES POLÍTICAS E ARTÍSTICAS

Ramón Gómez de la Serna (1888-1963) foi um prolífico escritor espanhol inserido na geração literária denominada novecentismo ou Geração de 1914. Como uma de suas marcas está a criação do gênero literário conhecido como greguería. Segundo a definição da Real Academia Española (RAE), a greguería define-se, sucintamente, como “invención literaria del escritor español Ramón Gómez de la Serna, que consiste en una metáfora breve e ingeniosa.”

A união, em apenas algumas palavras, de humor, metáfora e reflexão sobre aspectos da vida cotidiana proporcionam um gênero literário marcado pela desconstrução do trivial, pelo anti-automatismo no que se refere ao cotidiano, posições estas que serão plenamente refletidas na personalidade do autor. Segundo Fernández (2008, p. 16):

Ramón cultiva su leyenda, exhibe su histrionismo, sus dotes de julgar y de payaso, su *charlotismo*, en escenarios sociales que él elige, preside y controla, como la tertulia de Pombo, los banquetes, el circo, las conferencias imprevisibles y disparatadas con suelta de globos o de cascabeles, los programas de radio. No se trata sólo de meros gestos de rebelde vanguardista que se complace en provocar o escandalizar a las gentes de orden, sino de la puesta en acción de su *personaje*, del ejercicio de su libertad artística y de una creatividad oral y vital caudalosa que desborda los protocolos habituales con hallazgos de

ingenio verbal, salidas de humor y actitudes que desbaratan las convenciones académicas.

Em *Automoribundia* (2008), Gómez de la Serna mostra, em seus próprios dizeres, esta postura de desgarramento frente às convenções. No capítulo 55 (p. 402), o autor conta sobre uma conferência dada por ele em Madri. Sobre a seriedade e formalidade acadêmica que por ventura rondariam o evento, o escritor faz considerações a respeito de sua postura frente a isto, dizendo que “hay que abrir nuevos traslucos a la vida y crear nuevas categorías en la renuncia absoluta de las antiguas” (GÓMEZ DE LA SERNA, 2008, p. 403) e acrescenta:

Desprecio y odio esa grotesca seriedad humana de los actos públicos que creen que no es estéril toda sensación académica que no aporte ni nueva cordialidad, ni nuevo conocimiento, ni nueva literatura. Por eso descompongo esos actos públicos siempre que puedo y rompo su patrón.

Ramón Gómez de la Serna seria, portanto, um incorporador de personagens, um artista pronto a transgredir o pré estabelecido. Inclusive, o escritor, vivente pleno de sua arte, acabaria por encontrar nela o “espacio blindado por la imaginación”, segundo Fernández (2008, p. 16), no qual passa a morar frente à coerção imprimida pela realidade histórica e política da época, que se mostraria cada vez mais hostil e ameaçadora.

Ramón Gómez de la Serna buscou o exílio em 24 de setembro de 1936 após uma saída prematura de Madri a poucas semanas da ascensão militar contra a República, saída dada principalmente pelo medo de ser assassinado em meio a um conflito que, como previa o escritor, seria violento.

Mas o que aqui se faz primordial é discutir as aspirações políticas de um Gómez de la Serna anterior ao espectro da guerra civil.

Não surpreende o fato de que este escritor, tão tomado pela ação transgressora mostrasse aspirações políticas libertárias, como de fato o fez. Gómez de la Serna por muito tempo, durante sua juventude, levantou bandeiras anarquistas e posteriormente colaborou para a formação do pensamento republicano escrevendo em periódicos progressistas como *El Sol*, *La Voz*, *Revista de Occidente*, *El Liberal*, etc. Também não é inédito confirmar o fato de que o escritor era um veemente refutador da honra e moral

burguesas, tinha posicionamentos iconoclastas e mostrava uma forte ideologia anticlericalista. (FERNÁNDEZ, 2008).

No que diz respeito à sua vida artística, deve-se dizer que Gómez de la Serna era um artífice totalmente entregue ao seu ofício e sobre ele possuía opiniões resolutas e progressistas. Fernández (2008) conta, na breve introdução que abre o livro *Automoribundia* (2008), que certa vez, quando nomeado secretário da seção de literatura do Ateneo de Madri, o escritor ministrou uma conferência intitulada “El concepto de la nueva literatura” a qual gerou, no público, estupor e escândalo por conta do tom exaltado de suas propostas políticas e pelo enérgico ataque direcionado ao realismo e ao naturalismo, modelos literários dominantes na época. Segundo Fernández (2008, p.13), Gómez de la Serna considerava-os “envejecidos, sin ideas, impasibles, celibatarios”. As palavras do escritor na conferencia foram as seguintes:

No hay en esa literatura ni un apasionamiento, ni una blasfemia, ni un equívoco, ni una impertinencia, ni un desmán. No hay en ella un ESTADO DE CUERPO. Toda ella está hecha con un reposo ético, lógico, canónico, insoportable. Como que desaparece el autor. (GÓMEZ DE LA SERNA apud FERNÁNDEZ, 2008, p. 13).

Ramón Gómez de la Serna era, indubitavelmente, um entusiasta do Novo, um entusiasta de uma arte que tivesse, além de tudo, o objetivo de romper convenções, de revolucionar o meio artístico – para ele, tão conservador -, e de chocar, desconcertar e desarranjar aquele que o lesse. Para ele, vida e arte eram uníssonos e seu ofício de escritor, sua entrega. Havia ainda, de sua parte, certa indiferença gritante perante tudo aquilo que não fosse sua escrita. Gómez de la Serna era escritor, mas mais ainda, vivia e era pura, complexa e simplesmente, arte.

#### **4.1 *Automoribundia* e o exílio de Ramón Gómez de la Serna**

A obra autobiográfica de Ramón Gómez de la Serna, *Automoribundia* (2008), narra a vida e a morte do escritor e o caminho percorrido pelo autor entre essas duas pontas.

A autobiografia, evidentemente ficcional, segundo o narrador, inicia-se na mais tenra infância de Ramón (como, segundo ele, gostaria de ser conhecido). Nela, o escritor mescla a fantasia e a realidade, começando com a narração inventiva sobre os primeiros minutos logo após seu nascimento:

Enrejado ya en el mundo, lo primero que sentí fue la mano de mi madre buscándome entre la escarola de las finas sábanas de recién casada – yo era el primogénito – como si yo pudiese me haber escapado. (GÓMEZ DE LA SERNA, 2008, p.58).

Logo no início, quando o narrador refere-se a seu nascimento, ele já deixa subentendido seu sentimento de desajuste em relação ao mundo – que perduraria durante toda sua vida - quando diz, nas primeiras palavras do livro: “Nací, o me nacieron – que no sé cómo hay que decirlo en estricta justicia – el día 3 de julio de 1888, a las siete y veinte minutos de la tarde, en Madrid, en la calle de las Rejas número 5, piso segundo.” (GÓMEZ DE LA SERNA, 2008, p.57). Nasci ou “me nasceram”, ou seja, o escritor não tem certeza se nasceu por vontade própria ou se isso aconteceu por obrigação e por impossibilidade de escolher o contrário.

Posteriormente, Gómez de la Serna narra toda sua juventude, conta-nos sobre sua família e suas vivências, mas com uma característica que merece o devido destaque: Ramón conta sobre sua vida em uma Espanha, para ele, feliz, habitável, benigna. Ele refere-se também a seu ofício de escritor e, por vezes, coloca-o como intrínseco à sua própria vida, confirmando que possui uma concepção particular da vida e da arte em que a biografia se torna arte e a arte, biografia.

Quando adentramos em sua transição da juventude para a vida adulta, o que é, para o presente trabalho, primordial, é que apesar de Ramón Gómez de la Serna apresentar - muito anteriormente ao espectro da guerra civil – aspirações políticas libertárias, aos primeiros sinais do conflito já expressava críticas à revolução. Segundo o próprio autor:

La revolución es lo que más se parece a la muerte. Es mucho más crimen que la guerra. Es detestable la revolución porque no tiene sentido el emplear la lucha sangrienta por un programa mortal cuando sólo merecería eso una cuestión de eternidad. Sólo la vida eterna y Dios merecen el martirio. (GÓMEZ DE LA SERNA, 2008, p.619).

Duas posições de caráter ideológico já são dignas de atenção: este Gómez de la Serna, ainda que no período pré guerra civil, parece se posicionar ideologicamente muito perto do contingente conservador. No excerto acima, retirado de *Automoribundia* (2008), vemos uma posição de repúdio à revolução e, o que é mais surpreendente, uma repentina devoção à religião, duas posições antes rechaçadas pelo autor. Essas duas posturas ainda emergentes, viriam a mostrarem-se muito mais sólidas ao longo dos anos.

A brusca reviravolta de posicionamento poderia ser vista apenas como uma livre mudança de pensamento que pode se dar em qualquer indivíduo ao longo do tempo, porém, mais adiante ver-se-á que possivelmente as motivações não se resumiam a essas questões. A chave para essas aparentes contradições pode ser achada no posicionamento do narrador de *Automoribundia* perante o Ramón adolescente. O Ramón que enuncia hoje, muito mais maduro, revela um claro remorso pelas posições políticas adotadas na época de juventude – como já mencionado, voltadas primeiramente para o anarquismo. Esse homem de hoje confessa que se sente consternado quando se lembra daquele momento de sua vida, tamanho é o sentimento de indignação consigo mesmo:

Abomino de la adolescencia, pero tengo que recordala. Es el momento en que más se encuentra la vida y sin embargo en el que más se va contra la vida. Se quiere ser mártir con la testadurez inconsciente de un mártir que no supiese por qué se le martirizaba.

Es el momento en que el hombre va contra las ventajas para las que se prepara con avidez. El adolescente así resulta un loco del que se aprovechan todos los que viven de las nuevas generaciones, los peores vividores. (GÓMEZ DE LA SERNA, 2008, p.163-164).

Ver-se-á que Ramón Gómez de la Serna, durante sua vida adulta, não só mostra discordância com o sentimento revolucionário de sua juventude, como também acaba por ridicularizá-lo, denotando-o como inconsequente, imaturo e infundamentado. O que se buscará discutir adiante será o porquê deste antagonismo tão abissal entre suas posições da juventude e as da vida adulta, especialmente pós-exílio.

Sobre o exílio do escritor, o chamado “autoexílio”, parece-me primordial discutir os possíveis motivos que o levaram a optar (ainda que este termo não abranja de forma plenamente adequada o fenômeno do autoexílio, pois, de uma maneira ou de outra, ninguém opta livremente pela prostração sem que haja inúmeros impulsores por

trás, e sim é obrigado a prostrar-se, seja por causas mais evidentes como as oposições políticas, religiosas, ou o que quer que seja de âmbito institucional, ou pelas aspirações pessoais, como veremos com Gómez de la Serna) pelo exílio.

A primeira explicação para o autoexílio parte da afirmação, feita por Fernández (2008, p.13) a respeito de Gómez de la Serna, segundo a qual “Vida y Arte se fecundan reciprocamente en el Presente”. Como já dito anteriormente, o escritor, vivente pleno de sua arte, dedicava a ela todos os seus esforços. Para elucidar esta questão, recorro novamente à obra autobiográfica do escritor, *Automoribundia* (2008). Nela, especificamente no capítulo 80 (p. 618), quando Gómez de la Serna conta como o estalar da guerra estava prestes a se dar, afirma ter dito à sua esposa: “Voy a tener que clausurar mi tertulia porque los españoles quieren matarse unos a otros”. A questão aqui é: em que pensa um indivíduo atingido pelo pânico que gera a ameaça de guerra? Provavelmente na família, nos amigos, na violência que pode atingir tudo e a todos. Em que pensou Ramón Gómez de la Serna logo após o primeiro indício de um conflito armado e violento? Em sua tertúlia.

Isso explicita de maneira clara a questão de que Gómez de la Serna vivia para sua arte da forma mais entregue possível. Portanto, qual melhor motivador que este para que o escritor abandonasse de vez seu país? Com a guerra, sua arte com certeza seria corrompida, fosse pelos mecanismos de censura que haveriam de chegar, fosse pelo cenário de horror que em breve se instauraria, de tal forma que as dores e os perigos da guerra obrigam a todos a voltar sua atenção para o conflito. Evitar presenciar a guerra civil espanhola em território espanhol seria evitar, ainda que de maneira dolorosa, que sua arte fosse contaminada pelos infortúnios gerados pela violência.

De igual forma, outra questão que se apresenta de maneira ostensiva como possível impulsor da saída de Ramón Gómez de la Serna da Espanha, como já dito brevemente anteriormente, relaciona-se ao medo intrínseco do ser humano perante qualquer guerra. Com o temor relaciona-se a angústia, não só angústia da incerteza do que está por vir, mas a angústia de, ao mesmo tempo, ter a plena certeza do que se terá que encarar. De forma a elucidar estes sentimentos e tentar mostrá-los em toda a sua intensidade, intensidade capaz de provocar a fuga de alguém, o filósofo Heidegger (2005, p.197) explica:

Os momentos constitutivos de todo o fenômeno do temor podem variar. Nessas variações, surgem diferentes possibilidades de ser do temer. A aproximação na proximidade pertence à estrutura de encontro daquilo que ameaça. Na medida em que uma ameaça, em seu “na verdade ainda não, mas a qualquer momento sim”, subitamente se abate sobre o ser-no-mundo da ocupação, o temor se transforma em *pavor*.

Portanto, parece-me seguro afirmar que o autoexílio de Gómez de la Serna foi provocado, principalmente, pela sua total devoção e entrega ao seu fazer artístico, não sendo capaz de consentir, de forma alguma, com a sua corrupção, e de igual forma pelo pavor provocado pelos prenúncios de uma guerra prestes a estourar. O escape do escritor para a Argentina foi, portanto, o meio encontrado para manter incólume o seu interesse primordial, a sua arte, e para manter incólume a sua integridade mental e física.

Posteriormente, durante o período de prostração ao qual se submete, Gómez de la Serna é obrigado a viver inúmeros episódios mais ou menos traumáticos, ademais do principal, que vem determinado pela sua condição de exilado e de exilado fora da lógica do exílio convencional. Primeiramente, a vida econômica do escritor encontrava-se cada vez mais decadente, ainda que ele trabalhasse em excesso. Segundo Fernández (2008), o autor só pôde sobreviver graças à ajuda de seu amigo Oliverio Gironde, poeta vanguardista argentino. No capítulo 80 de *Automoribundia* (2008, p.629), Gómez de la Serna sintetiza brilhantemente a intensidade de suas dificuldades no exílio, também de ordem material, quando afirma:

Después de todo, gracias a que los dientes no son demasiados duraderos no morimos demasiado endeudados por el querer comer, y gracias a eso también no llegamos a devorarnos los unos a los otros.

Sua subsistência, proveniente de seu trabalho de escritor torna-se quase inexistente, e suas jornadas de trabalho se intensificam. Ele se lamenta: “En España me acostaba a las siete de la mañana, pero en América hay que trabajar más para poder subsistir y me acuesto a las nueve o a las diez de la mañana.” (GÓMEZ DE LA SERNA, 2008, p.673).

Segundo Fernández (2008, p. 19), *Automoribundia* é “la autobiografía de un emigrado que carece de la aureola heroica del exilio”. As causas dessa ausência são

múltiplas, ademais das já mencionadas, mas a principal relaciona-se com o ostracismo que o escritor sofre fora das fronteiras da Espanha.

Gómez de la Serna, ao fixar-se no país de exílio, fecha-se em uma posição inatingível aos seus conterrâneos também exilados. Ele enclausura-se em uma torre de marfim, principalmente ao se recusar a tomar partido na política. Gómez de la Serna não assume compromisso algum com a República, quando cobrado por outros exilados em Buenos Aires, nem apresenta posicionamento claro contra o franquismo; tampouco manifesta posições que, em teoria, um exilado da guerra civil e do franquismo deveria manifestar: o escritor não declara apoio à República, e não rechaça o franquismo, o que o transforma em um exilado dos próprios exilados espanhóis.

Como consequência de todas essas encruzilhadas e conflitos, Fernández (2008) afirma que as competências literárias do escritor começam a decair notadamente, já que não há público nem cenários inspiradores nesse novo espaço de clausura em que se encontra. É neste momento que seus posicionamentos de artista vanguardista começam a desaparecer e Gómez de la Serna a tornar-se outro ideologicamente.

No capítulo 3 do presente trabalho, falou-se a respeito de um dos perfis do exilado cunhado por Francisco Ayala (1949). Trata-se daquele que dramatiza sua situação e que a converte em um calvário, daquele que se consome pela nostalgia e se coloca como uma “alma penada” dentro de um quadro de pessimismo dramático. Ramón Gómez de la Serna enquadra-se perfeitamente neste perfil, pois se exclui, no exílio, de qualquer círculo social e se fecha em seu próprio sofrimento de sentir que fora postergado de seu país e de seu círculo artístico. É justamente durante o período de proscrição que o calvário de Gómez de la Serna de fato se inicia, refletindo-o, posteriormente, nas posições ideológicas adotadas.

#### **4.2 As marcas deixadas pelo exílio: uma análise segundo *Automoribundia***

Ramón Gómez de la Serna, a partir do período de prostração no exílio, começa a adotar posturas ideológicas de progressivo e extremo conservadorismo, opondo-se surpreendentemente ao que ele defendera durante a juventude.

Quando adotamos a expressão “extremo conservadorismo”, não estamos nos referindo apenas a uma oposição perante os movimentos de esquerda ou o processo revolucionário espanhol. Estamos sublinhando uma inesperada subserviência ao catolicismo e aos ferrenhos discursos nacionalistas por parte do autor assim como seu apoio ao regime ditatorial de Francisco Franco.

Consideramos, analisando esse fenômeno, que não se trata de um fato inesperado nem repentino nem sequer uma mudança brusca de pensamento plenamente consciente por parte do escritor. O que deve ser estudado, por traz de tudo isto, são os motivos que por ventura podem levar um exilado a compactuar com aquilo que de uma forma ou de outra é o algoz responsável por suas privações. O processo de identificação com o carrasco se dá em nosso autor, obviamente, de maneira consciente, mas não plenamente, dado os motivadores tão adversos com os quais o exilado é obrigado a conviver e que contribuem inconscientemente para isto.

Em suma, vemos surgir em Ramón Gómez de la Serna, como em todos os exilados, as marcas profundas e permanentes que a ausência, cedo ou tarde, causa. Para discutir as mudanças ideológicas do escritor, portanto, é imprescindível dedicarmo-nos, também, às circunstâncias que por ventura possam tê-lo levado a pensar de tais formas e a expressar tais mudanças na sua vida e na sua arte.

Julia Kristeva em seu livro, *Estrangeiros para nós mesmos* (1994, p.14), diz que “O estrangeiro é um esfolado sob a carapaça de ativista ou de incansável ‘trabalhador imigrado’. Ele sangra de corpo e alma (...)”. Ainda segundo a autora:

Não pertencer a nenhum lugar, nenhum tempo, nenhum amor. A origem perdida, o enraizamento impossível, a memória imergente, o presente em suspenso. O espaço do estrangeiro é um trem em marcha, um avião em pleno ar, a própria transição que exclui a parada. Pontos de referência, nada mais. O seu tempo? O de uma ressurreição que se lembra da morte e do antes, mas perde a glória do estar além: somente a impressão de um sursis, de ter escapado. (KRISTEVA, 1994, p. 15)

Ramón Gómez de la Serna, como é característico, em geral, daqueles que foram e são obrigados a vivenciar a prostração, o degredo e o ostracismo fora de seu país, experienciou o viver em desajuste, em dissonância com aquilo e aqueles que faziam parte de sua essência.

O sentimento de não-pertencimento surge de maneira truculenta, e em Gómez de la Serna com um agravante: o escritor não queria pertencer ao círculo dos outros

exilados – no qual poderia encontrar certo alento para enfrentar o exílio –, por não ter a intenção de se posicionar politicamente contra o regime franquista e a favor da República, o que dele era cobrado, pois seria esse fato o determinante para os demais exilados da guerra e do franquismo. Fechado em si mesmo, em seu sofrimento e na sua amargura, Gómez de la Serna torna mais contundente a questão de “não pertencer a nenhum lugar, nenhum tempo, nenhum amor” a qual Kristeva (1994) refere-se como uma condição existencial humana.

Somado a este fator, temos ainda um Gómez de la Serna desolado pela miséria econômica e mantendo seu ofício de escritor de modo muito adverso. A questão do público, do leitor, do receptor de seu discurso, para o escritor exilado, é fundamental. Para quem, agora, o exilado escreve? A quem se dirige? Do que fala? Gómez de la Serna não encontra, além-mar, a mesma facilidade e reconhecimento que uma vez possuíra na Espanha, porque sua arte está deslocada na Argentina. E isso, para qualquer escritor, mas principalmente para ele, plenamente dedicado à sua arte, era sinônimo de fracasso e de vazio existencial.

Sobre a questão do exílio do intelectual e a nova relação estabelecida com seu ofício, Ayala (1949, p.201) esclarece:

El literato, el poeta, produce, es cierto, a partir de su personal genio; pero este impulso propio requiere ser realizado sobre la base de unos materiales de experiencia con los que se relacionará, no sólo el contenido concreto de la obra, y no sólo el grado de su logro estético, sino incluso la posibilidad misma —posibilidad espiritual, tanto como material— de ejecutarla. Pues bien: consideremos de nuevo las condiciones del escritor emigrado, para referirlas al caso del creador literario, desconectado —desgajado, pudiera decirse, por la violencia y la brutalidad del tirón que lo separó— de la comunidad donde se formara, y privado casi por completo del público español, al que con dificultad y mediatización llegan sus escritos. El fondo de realidad concreta en función del cual escribía le ha sido, pues, arrancado, con la doble consecuencia de cortarle, a un tiempo mismo, las incitaciones connaturales para su producción y el destinatario a que en primer lugar tenía que dirigirse. Artificioso sería separar estos dos aspectos: son las dos caras de una situación y ambas se remiten al mismo hecho; pues si el escritor fue desgajado de España, España fue desgajada de él por el mismo golpe del destino. Y como quiera que la vida no se detiene y el hombre cambia de continuo y la historia prosigue, al seguir él viviendo fuera del país, el país sin él, llegan con el tiempo a extrañarse recíprocamente, y empleo aquí esta palabra, «extrañarse», de modo ambiguo, con el doble sentido de echarse en falta y de hacerse ajeno y sentirse tal.

Além das condições citadas, deve-se refletir a respeito do que nos parecem dois dos principais motivadores responsáveis pelos discursos extremamente conservadores que Gómez de la Serna viria a adotar em seu exílio. O primeiro deles seria a urgência que sentia de “voltar a ser espanhol” (e de voltar à Espanha); o segundo, resultado do primeiro é a cólera que sentia de si mesmo e de sua situação.

Isso nos leva de volta à condição essencial do exilado Ovídio, como mencionado anteriormente, no capítulo 3.1, cujo degredo transformou-se em prostração e em inúmeras humilhações movidas pelo desespero por regressar à sua pátria. Uma das coisas a que se sujeitava (usamos “sujeitar-se”, pois as condutas combativas dos exilados muito dificilmente lhes permitem tomar atitudes livres) era a de enviar constantes cartas ao governo de Roma (o mesmo que o exilara) para que lhe fosse outorgado o fim de seu exílio. Todas suas solicitações eram denegadas, mas Ovídio continuava obstinado em seu clamor. Porém, essa foi a solução que o poeta encontrou para resgatar a si mesmo na tentativa desesperada de voltar ao seu país e às suas origens.

As petições humilhantes de Ovídio podem se traduzir, em Gómez de la Serna em posturas ideológicas igualmente humilhantes que permitam, no entanto, sua volta ao lar se atrelando com os postulados franquistas. Consciente ou inconscientemente, Gómez de la Serna entra em assonância com a ditadura franquista, com o nacional-catolicismo e, conseqüentemente, com os preceitos conservadores do franquismo, em uma ânsia desesperada por sentir-se espanhol novamente, acolhido em seu país de origem.

A Espanha franquista era devotamente católica por imposição do Estado, portanto, ser espanhol, nessa Espanha, era aceitar o ideal falangista e se dedicar ao catolicismo e à ideologia imposta mediante a força. Negar ambos os preceitos seria ter a sua identidade negada nessa nova Espanha que vigoraria até 1975. Em meio ao pavor, à miséria, às condições adversas de exilado na Argentina, não surpreende o fato de que Ramón Gómez de la Serna, persuadido pelos flagelos do exílio, redirecionasse sua consciência ao outro polo ideológico que lhe permitisse a volta.

Paralelamente, podemos pensar, além disto, em um homem marcado pela raiva e pelo rancor perante o que a luta pela República o havia obrigado a fazer. Gómez de la Serna parece reconhecer no regime republicano, o algoz de sua situação presente,

eximindo o governo golpista dessa culpa e cavando todo tipo de distanciamento com seus anfitriões e com seus conterrâneos exilados na Argentina.

Sendo assim, o que vemos dessa condição de exílio múltiplo em sua arte, em sua autobiografia, é um homem marcado pela desilusão e pelos desencontros plurais. *Automoribundia*, já no próprio título, mostra a consciência que o autor tem sobre estar vivo e, de certa forma, já estar morto. Concomitantemente, a repetição conformada de discursos plenamente opostos aos que conhecemos de sua juventude torna-se explícita e se transformam também em material artístico e biográfico. Nesse texto, o leitor depara-se com uma voz que entra em crise pessoal, existencial e artística:

No sé, no sé quién soy; pero no me resisto a tener conciencia y he estado en busca de ella siempre, y no puedo decir frívolamente “mi buen Ramón” o “mi querido Ramón”, porque yo, para mí, ni siquiera soy Ramón, sino Monra, que es Ramón visto del revés, desde dentro de mi mismo. (GÓMEZ DE LA SERNA, 2008, p.685).

Fechando com chave de ouro seu pensamento no momento que enuncia seu discurso, ao final de sua autobiografia, Gómez de la Serna mostra claramente seu pensamento atrelado aos ideais do nacional-catolicismo mais conservador. O narrador se desvencilha progressivamente de todos os ideais de juventude, ataca a República sem tapumes e abraça sem reservas os ideais mais ranços do patriotismo fascista de signo católico do General Franco.

Yo soy ante todo y sobre todo un patriota. En el fondo de mis adhesiones late este sentimiento.

Dos cosas pusimos a prueba de escepticismo en nuestra adolescencia, lo que era Religión y lo que era Patria, pero a medida que avanzamos en la vida nos hemos ido dando cuenta de que son las dos esencias supremas de la vida.

Cobra sentido lo humano cuando hay sentido de religión y de patria.

La patria es superior a la libertad y sólo en el orden vive la patria, pues durante el forajidismo revolucionario desaparece la patria y la sustituye una loca simbólica y desmelenada. (GÓMEZ DE LA SERNA, 2008, p. 686-687).

Nesse final, pode-se constatar que, ao mesmo tempo em que conhecemos e percebemos um Gómez de la Serna receoso de seu passado, arrependido em vários momentos de seus ideais anteriores e, de certa forma, consternado e carecente de

explicar-se, de mostrar-se, de sanar publicamente suas angústias, conhecemos e percebemos também um Gómez de la Serna maduro, que quase leva o leitor a acreditar que possui uma consciência sem feridas, já curada. O leitor, porém, percebe muitas das contradições entre essa nova identidade, pessoal, política e religiosa e aquela passada, defendida por um homem cujo anti-conservadorismo se produzia em todos esses domínios e no domínio da arte. O autor que defendia a liberdade de pensamento e de credo era o mesmo que se opunha às normas, ao academicismo, às formalidades de toda natureza na vida e na arte. Essa pessoa, antes mais coesa, agora parece cindida entre a pressão de criar em liberdade e a pressão de pertencer a um local onde a liberdade foi abolida.

Na arte, como mostra a citação que recolhemos a seguir, ele parece defender com ousadia e liberdade sua verdade frente a todos; na sua vida, a sua postura debochada, porém, é uma declaração de menosprezo perante seus detratores, mas também um modo de agradar os milhões de novos adeptos do regime franquista:

Y ahora, después de estas palabras, doy por terminada la edición príncipe de mi autobiografía, en que creo haber dejado concertada mi conciencia y mi historia, pero si alguien dudase de la veracidad y exactitud de lo que digo: ¡que le frían un huevo! (GÓMEZ DE LA SERNA, 2008, p. 763).

O exilado, agora prensado entre a liberdade de sua arte e seu pensamento sujeito ao novo fascismo de Franco é uma personagem que vai se construindo na escrita, de modo contraditório.

Se o exílio incide de modo direto ou indireto na vida e na arte do artista, no caso de Ramón Gómez de la Serna cabe mencionar que a arte tematiza essa condição pessoal e expressa as angústias, a solidão e as contradições de um processo pessoal, biográfico.

A autobiografia, por vezes ficcional, transforma-se em diário, em escrita confessional quando o autor, isolado do mundo que o circunda no país estrangeiro e afastado de seu país, encontra na escrita um modo de diálogo com um leitor ou vários leitores, todos imaginários, no cenário em que Gómez de la Serna desenvolve sua arte. Nesse cenário, *Automoribundia* parece ser uma confissão de morte, uma espécie de suicídio através da escrita, fato que parece confirmado pelo tom agressivo perante o leitor de seu “¡que le frían un huevo!”. No entanto, em mais uma de suas contradições,

esse escritor não pode simplesmente abrir mão de seu leitor sem abrir mão de sua arte e Gómez de la Serna é e vive nessa arte.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se, neste trabalho, evidenciar as atipicidades que construíram todo o fenômeno de exílio, ou melhor, autoexílio, de Ramón Gómez de la Serna, um artista e intelectual que o “escolheu” sem possuir aparentemente nenhuma divergência política clara com o regime ditatorial de Francisco Franco, em curso em seu país de origem.

Foram evidenciados, primeiramente, alguns exemplos de outros escritores exilados (de épocas e lugares diferentes) para que estes, posteriormente, pudessem ser usados a título de comparação com a postura adotada por Gómez de la Serna no exílio. Mostrando os exílios que atingiram Ovídio, Victor Hugo, e Rafael Alberti, pôde-se constatar que, em geral, o exilado, ainda que, por ventura, de certa forma se humilhe frente ao seu algoz, como Ovídio, dificilmente se resignará e aceitará a conduta repressora de seu país de origem, culpada, no geral, por seu degrado.

Desta forma, buscou-se explicitar, primeiramente, os possíveis impulsionadores de um exílio atípico, autopromovido por Gómez de la Serna a partir de sua obra, escrita no exílio argentino e intitulada *Automoribundia* colocando o texto em diálogo com estudos sobre o fenômeno do exílio assim como com parte da fortuna crítica do autor espanhol que analisa esse fenômeno na sua obra.

No quadro que desenhamos sobre o exílio de Gómez de la Serna, apontamos primeiro para sua obsessão pelo seu próprio fazer artístico, que, intocável, não poderia de forma alguma ser contaminado pela guerra civil e pelos horrores dela advindos, e, em segundo lugar, para a questão do mal-estar que sentem alguns indivíduos em meio a cenários de guerra. O medo e a angústia, permanentemente presentes no cotidiano do povo espanhol logo após o avanço das tropas nacionalistas em 1936, seria um claro motivador para que alguém com a possibilidade de sair do país, como Ramón Gómez de la Serna, de fato o fizesse.

Procuramos discutir igualmente a respeito das posições ideológicas da juventude e da vida adulta do escritor, que ao longo do tempo mostraram-se abissalmente inversas. Conheceu-se um Ramón Gómez de la Serna jovem, anarquista, com ideais progressistas, e posteriormente apoiador da República, mas, também, um Ramón

Gómez de la Serna já maduro, conservador, opositor da revolução e da República, apoiador da ditadura franquista e devoto ao catolicismo.

A partir de sua obra autobiográfica, *Automoribundia* (2008), pôde-se constatar seus posicionamentos contraditórios e, ainda mais, constatar os determinantes que consciente ou inconscientemente o levaram a apoiar o que seria seu algoz, o regime militar de Franco. Desta forma, foram destacadas diversas causas para essa mudança ideológica radical: o sentimento, como exilado, de não pertencimento a lugar algum, ou seja, seu constante sentimento de inadequação ao mundo somado ao ostracismo de Gómez de la Serna isolado, inclusive, de seus compatriotas espanhóis na Argentina; a miséria econômica do exílio juntamente com as adversidades encontradas para continuar exercendo sua profissão de escritor fora da Espanha; e a urgência do sentimento de regressar à Espanha, mas principalmente no que diz respeito à urgência de sentir-se espanhol novamente.

Tentou-se explicitar as divergências de Gómez de la Serna sem, contudo, tentar um julgamento moral de seu posicionamento, destacando as múltiplas contradições de suas escolhas que afetaram a sua vida e a sua arte, pois é através de sua escrita artística e da análise desta mesma escrita que se torna possível o exercício de vislumbrar novas e velhas representações da vivência do exílio no texto literário.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AYALA, Francisco. Para quién escribimos nosotros. **Cuadernos Americanos**, México, p. 36-58, jan. 1949. Disponível em: <<http://www.cialc.unam.mx/cuadernosprimera1.html>>. Acesso em: 15 mai. 2016

BEEVOR, Antony. **A Batalha pela Espanha: A Guerra Civil Espanhola (1936-1939)**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

CELA, Camilo José. **Correspondencia con el exilio**. Barcelona: Destino, 2009.

CELA, Julia. Reflexiones de Francisco Ayala sobre el exilio intelectual español. **Revista de Indias**, Madrid, v. 56, n. 207, p.451-473, ago. 1996. Disponível em: <<http://revistadeindias.revistas.csic.es/index.php/revistadeindias/article/viewFile/812/881>>. Acesso em: 18 jun. 2016.

CERNUDA, Luis. **Las Nubes. Desolación de la Quimera**. Madrid: Cátedra, 1984.

DEUTSCHE WELLE. **Guerra Civil Espanhola atraiu artistas e intelectuais de todo o mundo**. Brasil, 01 abr. 2009. Disponível em: <<http://dw.com/p/HMba>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

GÓMEZ DE LA SERNA, Ramón. **Automoribundia: 1888-1948**. Madrid: Marenostrum, 2008.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. São Paulo: Vozes, 2005.

ILIE, Paul. **Literatura y exilio interior**. Madrid: Madrid Fundamentos, 1981.

KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MARTIN CASAS, Julio; CARVAJAL URQUIJO, Pedro. **El exilio español: (1936-1978)**. Barcelona: Planeta, 2002.

QUEIROZ, Maria José de. **Os Males da Ausência ou A Literatura do Exílio**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio: E outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SOLDEVILA DURANTE, Ignacio. **Historia de la novela española: (1936-2000)**. Madrid: Cátedra, 2001.

TODOROV, Tzevetan. **O Homem Desenraizado**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

VILAR, Pierre. **La Guerra Civil Española**. Barcelona: Crítica, 2000.

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

GONZÁLEZ MARTÍNEZ, Carmen. La dictadura de Primo de Rivera: Una propuesta de análisis. **Anales de Historia Contemporánea**, Murcia, v. 16, p.337-408, set. 2000. Disponível em: <[https://digitum.um.es/xmlui/bitstream/10201/12065/1/La Dictadura de Primo de Rivera.pdf](https://digitum.um.es/xmlui/bitstream/10201/12065/1/La%20Dictadura%20de%20Primo%20de%20Rivera.pdf)>. Acesso em: 15 jun. 2016.

YNDURÁIN, Domingo; RICO, Francisco (Org.). **Historia y crítica de la literatura española: Epoca Contemporánea: 1939-1975**. Barcelona: Crítica, 1981.

ZAPATERO, Javier Sánchez. IMPLICACIONES HISTÓRICAS, LITERARIAS Y LÉXICAS DEL EXILIO EN ESPAÑA: 1700-1833. **Revista Electrónica de Estudios Filológicos**, Salamanca, v. 15, n. 8, p.1-10, jun. 2008. Disponível em: <<https://www.um.es/tonosdigital/znum15/secciones/estudios-30-Exilio1700-1833.htm>>. Acesso em: 21 maio 2016.

BRAVO, Miguel Cabañas et al. **Analogías en el arte, la literatura y el pensamiento del exilio español de 1939**. Madrid: Biblioteca de Historia del Arte, 2010.